

MOVIMENTO CLEAN GIRL: MISOGINIA, FASCISMO E O CONTROLE DOS CORPOS A PARTIR DAS REDES SOCIAIS

CLEAN GIRL MOVEMENT: MISOGYNY, FASCISM, AND THE CONTROL OF BODIES THROUGH SOCIAL MEDIA

AUGUSTO MOLINARI¹

RESUMO

O artigo investiga o movimento estético *Clean Girl* como um fenômeno sociopolítico que transcende a moda, atuando como dispositivo de controle simbólico sobre corpos femininos. A estética da neutralidade e da "pureza" impõe comportamentos padronizados, excluindo identidades dissidentes e racializadas, ao mesmo tempo que reforça valores conservadores e eurocêntricos. Ao articular moda, consumo, redes sociais e discursos religiosos, o estudo evidencia como o *Clean Girl* integra microfascismos cotidianos e práticas de higienização visual. Nesse cenário, a tatuagem surge como gesto de resistência e reinscrição identitária, frequentemente silenciado pelo ideal de corpo neutro e "limpo". Assim, escolhas estéticas apresentadas como naturais revelam-se estratégias políticas de regulação moral e sociocultural. Conclui-se que a estética *Clean Girl* não apenas produz imagens, mas também reproduz regimes de poder que disciplinam, apagam e hierarquizam corpos e subjetividades.

Palavras-chave: *Clean Girl*; microfascismo; corpo; estética feminina.

*Abstract*This article examines the *Clean Girl* aesthetic as a sociopolitical phenomenon that goes beyond fashion, functioning as a mechanism of symbolic control over female bodies. The aesthetics of neutrality and "purity" impose standardized behaviors, excluding dissident and racialized identities while reinforcing conservative and Eurocentric values. By linking fashion, consumption, social media, and religious discourse, the study shows how the *Clean Girl* trend embodies everyday microfascisms and visual sanitization practices. In this context, tattooing emerges as an act of resistance and identity reinscription, often silenced by the ideal of the neutral and "clean" body. Thus, aesthetic choices presented as natural reveal themselves as political strategies of moral and sociocultural regulation. The *Clean Girl* aesthetic not only creates images but also sustains power regimes that discipline, erase, and hierarchize bodies and subjectivities.

Keywords: *Clean Girl*; microfascism; body; female aesthetics.

Introdução

Basta uma breve observação de qualquer avenida em grandes centros do Brasil para notar que, entre os passantes, um ou outro ostentará uma tatuagem nas partes à mostra de sua pele, imagens que remetem ao espaço sociocultural no qual os sujeitos se inserem. David Le Breton explica que "a tatuagem é uma escrita sobre o corpo, uma forma de comunicação que transpõe o verbal e instaura um discurso visual e simbólico sobre a identidade, a memória e o pertencimento" (Le Breton, 2006, p. 137), isto é, o corpo é superfície semiótica, e a tatuagem um gesto comunicacional que traduz experiências em inscrição visível, usada para narrar a si mesmo.

¹ Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais; pesquisador nas áreas de corpo, linguagem e estética; tatuador e ilustrador profissional desde 2010. E-mail: emaildoaugustomolinari@gmail.com

Forma cultural de auto expressão, a tatuagem foi por muito tempo alvo de repúdio, associada a criminosos e grupos marginalizados. Jean-Jacques Courtine relaciona a tatuagem aos dispositivos de poder e controle do corpo, mas também à resistência simbólica dos historicamente excluídos, fazendo do estigma uma afirmação, “um marcador de desvio, inscrita em corpos dos marginais, dos marinheiros, dos prisioneiros, dos colonizados - corpos sobre os quais o poder exercia vigilância e punição” (Courtine, 2008, p. 255), de onde emerge parte de sua força simbólica.. Desde os anos 2010, influenciadores, atletas, cantores e outras celebridades contribuíram para inserir a tatuagem no mainstream, promovendo aceitação social e transformando-a em fenômeno estético e comercial, ao utilizarem as *tattoos* como formas de expressão identitária e de aproximação com seus públicos.

Na era das redes sociais, cada gesto e decisão estética dos famosos transforma-se em conteúdo e, por consequência, tendência de consumo. Com isso, a antiga associação das tatuagens a figuras dissidentes se atenua, abrindo espaço para uma mais ampla aceitação social. A prática se torna um fenômeno estético e comercial valorizado, impulsionando avanços tecnológicos e especialização de profissionais. Mobilizando estilos, moda e capital, o mercado da tatuagem consolida-se como setor expressivo mesmo durante a pandemia de COVID-19, quando o contato físico era restrito. Apesar disso, pesquisas recentes² indicam um crescimento significativo na procura pela remoção de tatuagens no ocidente, em que o Brasil hoje ocupa o 2º lugar no ranking mundial de procedimentos a laser, atrás apenas dos Estados Unidos. Refletindo transformações socioculturais, econômicas e políticas, a recente retração da tatuagem revela-se como indicador das oscilações do imaginário social, sendo estatística e ilustração para um panorama que se instaurou e se dilata cada vez mais no ar da sociedade ocidental: o avanço do conservadorismo.

Impulsionado pela ascensão da extrema direita, o discurso conservador se expande culturalmente, moldando hábitos de consumo e valores que exaltam ordem e sobriedade. Moda, beleza, identidade e corpo passam a refletir essa inflexão conservadora, com ideais de tradição e moralidade que evocam passados idealizados e valorizam a ordem e a sobriedade como sinal de pertencimento social. Práticas estéticas aparentemente inofensivas e “neutras” ganham status de forma hegemônica, e passa-se a taxar como “elegante” e “de bom gosto” uma estética normativa, insípida e crua, orientada por escolhas e produções de repertórios simbólicos que prezam mais pelo “não pode” do que pelo “por que não?”

O corpo é lugar de experiência, superfície de expressão e construção de identidade, e suas modificações (tatuagens, penteados, roupas, gestos etc.) tornam públicas dimensões subjetivas, são atos políticos que comunicam pertencimento, resistência ou desejo de visibilidade. Paul B. Preciado comprehende o corpo como texto e território de disputa discursiva e explica que ele é “...uma superfície de inscrição de discursos e tecnologias de poder e de prazer. Transformar o corpo é reescrever o regime de verdade que o define.” (Preciado, 2008, p.24). No entanto, em um regime estético conservador, essas práticas tornam-se alvo de controle e regulação: o corpo deve se conformar a padrões de ordem e “civilidade”. A transformação corporal sintetiza a tensão entre expressão e controle, evidenciando a estética como campo de poder onde a diferença é regulada e o corpo constantemente politizado. Assim, identidades dissidentes, racializadas ou marginalizadas enfrentam pressões maiores, cada gesto de modificação carrega tanto a possibilidade de emancipação quanto o risco de disciplina, mostrando que a auto expressão nunca é neutra, mas atravessada por disputas simbólicas e sociopolíticas.

² <https://preply.com/pt/blog/tatuagens-de-idiomas>

Entre numerosos fenômenos estéticos originados desta virada de chave destaca-se o movimento *Clean Girl*, que passou a ser difundido massivamente desde meados de 2022 por influenciadoras nas redes sociais. Entre escolhas de *looks*, penteados, acessórios e retratações de estilo de vida, esse movimento reforça uma estética tradicionalista, contida e orientada para um visual minimalista e “puro”. Entretanto, o que se nota é que o movimento *Clean Girl* (“Garota Limpa” em tradução livre do inglês) tem operado como dispositivo discursivo num reforço de ideais de feminilidade branca, domesticada, asséptica e inexpressiva - sendo a feminilidade um aspecto social em recorrente disputa por controle por parte das estruturas de poder patriarcais.

Figura 1 – Moodboard com elementos característicos da estética Clean Girl - Composição visual compartilhada em plataforma digital, reunindo referências de maquiagem minimalista, skincare, penteados, vestuário neutro e rotinas domésticas associadas ao movimento *Clean Girl*.



Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/211174977426889/>. Acesso em: 9 out. 2025.

O visual que transmite a ideia de naturalidade custa caro, demanda tempo, dedicação e abnegação por parte das adeptas do movimento. Nesse contexto, um gesto que se tornou tendência e passou a ser encorajado por *influencers* que aderiram à estética *clean*, é a crescente adesão de mulheres a procedimentos de remoção de tatuagens. Por meio de tratamentos com laser, tatuagens são apagadas buscando narrar assim um aparente aceno para um amadureci-

mento ou iluminação, um rito de passagem às avessas. Embora possa parecer escolha individual, tal prática revela a dimensão política do regime estético: marcas corporais sendo associadas à imaturidade, vulgaridade ou desvio, especialmente em corpos racializados e marginalizados. O corpo “clean” se vincula, assim, a ideais civilizatórios de contenção, apagamento das subjetividades e normatividade eurocêntrica colonial.

Este estudo propõe analisar o movimento estético *Clean Girl*, compreendendo-o não apenas como tendência de estilo, mas como um fenômeno sociopolítico que reflete e reforça práticas conservadoras contemporâneas. Busca-se investigar como essa estética de neutralidade, minimalismo e “pureza” opera como dispositivo de controle simbólico, disciplinando corpos femininos e promovendo exclusão de identidades dissidentes e racializadas. A análise foca no papel das tatuagens como forma de expressão identitária e resistência simbólica, e como a estética *Clean Girl* incentiva seu apagamento. A partir da articulação entre moda, consumo, redes sociais e discursos religiosos, o trabalho examina a dimensão política da estética *Clean Girl*, sua relação com microfascismos cotidianos e a normatização de comportamentos e aparências. A proposta central é demonstrar que escolhas estéticas aparentemente individuais ou neutras constituem estratégias de regulação sociocultural e reforço de ideais patriarcais, coloniais e eurocêntricos, tornando o corpo um território de disputa.

A genealogia do fenômeno *Clean Girl*: quem é ela como prática discursiva?

A emergência do *Clean Girl* não ocorreu de forma isolada ou repentina, mas se insere na sedimentação de códigos estéticos contemporâneos, como as tendências *Quiet Luxury* e *Old Money*, que a precedem e fundamentam parte de seu repertório visual. A estética *Old Money* (“dinheiro antigo” em tradução livre do inglês) valoriza a exibição discreta de status e riqueza, associada às heranças das elites europeias e estadunidenses, marcada por roupas de alta qualidade, cortes clássicos e cores neutras, denotando sofisticação sem ostentação, ecoando a naturalidade com a qual os membros dessas elites lidam com suas fortunas. O *Quiet Luxury* (“luxo silencioso” em tradução livre do inglês) reforça essa lógica, valorizando produtos refinados, discretos, sem logos ou extravagâncias: trata-se de comunicar status pela descrição, não ostentação. Ambas compartilham a ideia de que o “bom gosto” é silencioso, enquanto a opulência é vista como vulgar, impura e associada a novos-ricos (*nouveau riche*) e culturas não-europeias. A *Clean Girl* herda esses valores, performando uma feminilidade centrada na neutralidade visual, moderação e apagamento de traços identitários sob o pretexto de naturalidade.

O que aqui é dito como beleza é algo minimalista e refinado, que remete a uma ideia de pureza, elegância contida e feminilidade higienizada. Os cabelos da *Clean Girl* são tratados com extremo rigor, sempre lisos (ou alisados) e presos em rabos de cavalo ou coques meticulosamente assentados com gel. A maquiagem é leve e simula o viço de uma pele naturalmente lisa, sem poros, ou marcas. Aqui o que ocupa o centro desta estética é o *skin care*, com o qual a *Clean Girl* é metódica para alcançar uma pele supostamente descansada e jovial. Acne, rugas, manchas ou deformidades são incompatíveis com esta pele ideal - aqui entra a ausência de tatuagens e a remoção das já existentes frequentemente encorajada. Também não há espaço para cirurgias

plásticas extremas ou corpos com formas extravagantes, porém é investido muito dinheiro em procedimentos estéticos que privilegiam aspectos de suavidade e naturalidade para seus rostos e corpos - estes últimos sempre magros.

Figura 2 – Hailey Bieber no estilo Clean Girl



Fonte: Instagram (@haileybieber). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CgaSA5UvqK-/?img_index=1. Acesso em: 08 out. 2025.

O impacto do *Clean Girl* na indústria se atrela a diversas formas de consumir para além do mundo das elites. Com esta estética se popularizando com famosas nas redes sociais, a tendência logo alcançou a classe média, proporcionando no mercado a gênese de numerosos produtos e marcas de cuidados para a pele e cabelos, joias e roupas minimalistas, chegando até a lojas de *fast fashion*. Nelas ganharam destaque, desde meados de 2023, roupas em tons neutros, monocromáticas, cortes clássicos, peças de alfaiataria, linho e algodão. Já não se fala mais de um movimento estético restrito às elites: é um fenômeno elitista, mas jamais elitizante.

Sob esta lógica, a imagem da mulher ideal(izada) é revestida de referências à aparência jovial e disciplinada, isto é, um corpo domesticado e silencioso/silenciado, que comunica valor na não-expressão. Esta “limpeza”, ou melhor, esta ausência de aspectos de “impureza” passa a ser também um marcador simbólico de adequação sociocultural. Afinal, quem pode ser *Clean Girl*? Quem é esta “mulher ideal” e “natural”? Acima de tudo, como chamar de “naturalidade” algo que reside na artificialidade que envolve tanto esforço em apagar traços humanos?

Mais que uma moda, o movimento *Clean Girl* se disfarça sob um véu de sofisticação, convertendo mulheres em manequins sem rosto e porta-vozes afônicos de um ideal higienista: um dispositivo contemporâneo de controle simbólico. Para além da estética, suas práticas e comportamentos reforçam a homogeneização e a disciplina dos corpos, reconfigurando-os como vitrines de conformidade e silenciando diversidades.

Conservadorismo, pureza e o ideal higienista de feminilidade

Historicamente, tecnologias sociais de disciplina sempre ditaram os discursos do controle sobre os corpos femininos, imbricados em noções de decoro, pureza e higienização. A moral molda os corpos e códigos de conduta, definindo o que pode ser visto, expresso ou sentido. A mulher tem que lidar com uma feminilidade dita como aceitável (mas igualmente inalcançável), ser subserviente a seu marido e família, desprovida de personalidade, e seu valor é fixado no discurso de que ela deve ser “bela, recatada e do lar”.

Nas redes sociais, proliferam-se vídeos mostrando o dia a dia de mulheres que dedicam integralmente seu tempo e esforço ao marido e aos filhos. Não se tratam de mães e donas de casa de periferia, cuja rotina doméstica muitas vezes é uma necessidade para a sobrevivência da família - são mulheres de classe média alta. Tais vídeos exibem, com produção e edição minuciosas, desde o despertar ainda de madrugada até o momento de dormir: preparando o pão e o café da manhã antes da família acordar, realizando práticas devocionais (sempre cristãs), fazendo compras, cuidando do corpo em academias e clínicas de estética, cuidando do lar, sempre indicando o horário de início e término de cada tarefa. O movimento foi batizado de *Trad Wife*, abreviação do inglês para “*traditional wife*” (esposa tradicional, em livre tradução), cuja inspiração é o modelo da dona de casa estadunidense dos anos 1950 e 1960, mulheres que preferem assumir papéis tradicionais no casamento nos moldes cristãos. O autor Jack Z. Bratich, em seu livro *Microfascism: Gender, War and Death*, analisa que as *Trad Wives* são um grupo auxiliar que, apesar de a princípio não negarem o feminismo, defendem os papéis tradicionais de gênero, investindo seu desejo em posições sociais submissas que reforçam ideais fascistas de controle das mulheres (Bratich, 2022, p. 69). Por consequência, estas mulheres são pedagogizadas por meio de *trends* da internet e passam a propagar ideais de supressão da individualidade, se colocando em lugares de submissão ainda que não notem. As *Trad Wives* não necessariamente são parte das *Clean Girls*, mas estas últimas dialogam intimamente com as esposas tradicionais. Trata-se do mesmo campo de práticas micropolíticas em que o corpo da mulher é reconfigurado a partir da norma, convocado a performar obediência, docilidade, apagamento e aceitação silenciosa. A feminilidade aceitável é, neste cenário, aquela que, calada, se oferece ao olhar alheio como paisagem neutra e cujo valor reside no bom desempenho de produzir (e se reproduzir) de forma inexpressiva, ser moldura para o homem e o estilo de vida cis-heteropatriarcal.

Quando se mobiliza a norma estética visando a uniformização e contenção do feminino, cria-se um terreno fértil para que o conservadorismo encontre apoio em discursos religiosos, e com o avanço da extrema-direita política no Brasil, o neopentecostalismo se tornou forte aliado ao discurso tradicionalista deste grupo. Segundo Moreira (2023), as igrejas neopentecostais em geral traçam uma narrativa que associa a feminilidade ideal à modéstia, à docilidade e à negação da vaidade “excessiva”, promovem códigos de vestimenta e conduta que exaltam o recato e orientam que o valor das mesmas está em servir apenas à família. O pesquisador ainda diz que “essas narrativas têm seu ponto de partida na moral cristã, como a defesa da família tradicional [...] e a diversidade de gênero [...], devendo a mulher assumir um papel de submissão ‘santa’ com relação ao homem.”(Moreira, 2023, p.38). A aliança entre normatividade estética e discurso religioso funciona como ferramenta de poder e pertencimento: a busca por validação e integração resulta em conformidade sem análise crítica, sob a alegação da “defesa de uma ordem natural

fundamentada nos valores eternos criados e transmitidos pelo próprio Deus. Essa ordem natural [...] inclui a família cristã heteronormativa e a mulher em posição de submissão." (Moreira, 2023, p.38). Ao alinhar-se a preceitos visuais compatíveis, a estética *Clean Girl* insere-se numa trama política, religiosa e capitalista, moldando corpos femininos enquanto promete pertencimento, expiação ou salvação.

Essa ampla normatização estética ecoa princípios fascistas, que buscam corpos homogêneos, higienizados, produtivos e racialmente normatizados. Riemen (2012) explica que historicamente, o fascismo controlava corpos por violência física e indução simbólica de padrões de comportamento e beleza: hoje, ele se manifesta de forma sutil, convertendo vigilância estética em ânsia por não-exclusão.

Para a antropóloga Rita Segato (2016), a sociedade ocidental vive uma permanente guerra contra as mulheres, um conflito estrutural concreto em que os corpos femininos são sistematicamente transformados em territórios de controle. Se trata de uma guerra que não é metafórica, pois se manifesta na violência física, sexual e simbólica, em formas sutis de regulação operadas por normas estéticas e morais.

[...]la violación se dirige al aniquilamiento de la voluntad de la víctima, cuya reducción es justamente significada por la pérdida de control sobre el comportamiento de su cuerpo y el agenciamiento del mismo por la voluntad del agresor. La víctima es expropiada del control sobre su espacio-cuerpo.[...] Control irrestrictivo, voluntad soberana arbitraria y discrecional cuya condición de posibilidad es el aniquilamiento de atribuciones equivalentes en los otros y, sobre todo, la erradicación de la potencia de estos como índices de alteridad o subjetividad alternativa[...] (Segato, 2016, p. 7).

Assim, a estética *Clean Girl* pode ser lida como retrato dessa guerra por tratar o corpo feminino como um território a ser higienizado, apagado e submetido à ordem. A neutralidade estética proposta é uma forma de violência simbólica que, como propõe Segato, tem função exemplar: doutrina mulheres sobre os limites do que é aceitável ser, parecer e agir. A guerra contra as mulheres é travada, portanto, também no campo dos afetos, imagens e algoritmos, tendo no movimento *Clean Girl* o espalhamento de uma aspiração entre mulheres jovens, atuando, assim, como arma sofisticada dessa pedagogia da crueldade e do silenciamento.

Microfascismos cotidianos e regulação estética

O movimento *Clean Girl* se apresenta como forma de estética inofensiva, uma moda, *trend*, mas atua como prática cultural que, embora aparentemente apolítica, se insere no amplo campo de avanço das ideologias totalitárias e autoritárias que reelaboram o fascismo em moldes contemporâneos. O filósofo holandês Rob Riemen, em *O Eterno Retorno do Fascismo*, adverte que "o bacilo do fascismo" nunca desaparece completamente: ele volta reciclado, disfarçado de populismo ou moralidade tradicional, sempre que as sociedades se perdem de seus valores humanistas e se entregam à futilidade, ao medo e ao culto da aparência. Riemen destaca que o fascismo moderno já não depende mais de marchas militares, mas se infiltra nas estruturas da cultura de massa, da mídia e do consumo. "A nova barbárie veste roupas limpas, fala com bons modos, mas tem o mesmo desprezo pelo outro e pela complexidade do mundo" (Riemen, 2012,

p.43). Neste horizonte, sujeitos docilizados, padronizados e esvaziados de resistência cultural são recompensados com validação e pertencimento, e, no caso das redes sociais, visibilidade e engajamento. O fascismo retorna pulverizado para se naturalizar no ambiente, e o faz na forma de microfascismos cotidianos.

Retomando Jack Z. Bratich, o microfascismo cotidiano refere-se às operações rotineiras e menos visíveis do fascismo, práticas que se infiltram nas subjetividades e relações sociais em vez de se manifestarem em formas estatais ou movimentos organizados. O autor trata os microfascismos como um projeto do patriarcado de reducionismo do papel e identidade das mulheres na sociedade:

This project will focus on another systemic spectrum of elimination, patriarchy, whose fundamental features include the instrumentalization, objectification, and reduction of women. [...], patriarchy takes the form of everyday sexism and misogyny as a slow elimination and includes policing limits of women's actions through threats, chasing women from public places (whether streets or the Internet), and reducing their capacities through ongoing attrition (Bratich, 2022, p. 20).

Os microfascismos são práticas silenciosas de controle que se naturalizam e cristalizam, impondo normas de conduta sem uso de força direta. Nas redes sociais e na cultura do lifestyle, manifestam-se em conselhos de beleza, rotinas de autocuidado, desafios estéticos e tutoriais normativos. Na cultura digital, em que curtidas, visualizações e compartilhamentos definem valor social, adequar-se a essas normas é recompensado com atenção, e a performance da neutralidade passa a ser critério de pertencimento a uma elite asséptica. O microfascismo atua não pela proibição direta, mas pela sedução das normas, pelo medo de destoar e pelo desejo de aprovação social.

Práticas cotidianas de auto policiamento mostram como a estética é política, organizando afetos, expectativas e possibilidades de existência. Os microfascismos são eficazes precisamente por não soarem como imposições externas, mas desejos íntimos e pessoais de pertencimento, moldados e reiterados pelo consumo, redes sociais e plataformas digitais. Essa lógica sustenta-se em valores históricos que perpetuam práticas coloniais e eugenistas e em desigualdades de raça, classe e gênero.

Racialização, eugenia estética e tatuagens

Em busca rápida por "Clean Girl" na internet revela um padrão homogêneo: mulheres brancas, magras, de cabelos lisos e expressão neutra. O período de buscas mencionadas foi realizado no navegador Google Chrome (versão 119.0), em modo anônimo, entre os dias 14 de março e 05 de junho de 2025, nos períodos da tarde, utilizando os termos "clean girl", "clean girl aesthetic" e "clean girl trend". As redes sociais utilizadas foram o Instagram, o TikTok e o Pinterest. Os resultados foram organizados e analisados qualitativamente, considerando-se repetições discursivas e padrões descritivos da estética.

Mesmo ao procurar por "Black Clean Girl", surgem apenas algumas mulheres negras que, para aderir à estética, apagam seus traços. Embora pregue simplicidade e beleza natural, o movimento reforça um ideal que exclui a diversidade e privilegia a branquitude.

Figura 3 – Influenciadora Ayanda Vesi em estética Clean Girl



Fonte: Fotografia publicada no perfil da influenciadora Ayanda Vesi, ilustrando a incorporação da estética *Clean Girl* por mulheres negras. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DPBYvEx-jHYK/?img_index=1. Acesso em: 9 out. 2025.

Estes mecanismos entendem a performance da branquitude como padrão universal de beleza (e existência), enquanto penaliza ou oculta estéticas racializadas ou dissidentes. Na pesquisa de 2022 intitulada *"Racismo algorítmico: o enviesamento tecnológico e o impacto aos direitos fundamentais no Brasil"*, a pesquisadora Bruna Lima diz que estes mecanismos operam de modo sutil em códigos da colonialidade do ato de ver, e que sendo velados, reforçam ideais racistas ao se disfarçarem como práticas cotidianas no feed das redes sociais.

O termo algoritmo é fator adjetivo da forma atual de praticar racismo atrelado não apenas aspectos éticos relacionados ao uso das tecnologias de informação e muito menos como algo independente criado pelo desenvolvimento da inteligência das máquinas: mas constitui um fenômeno sociotécnico de práticas de violência racial (Lima, 2022, p.37).

Neste circuito de visibilidade racista, movimentos estéticos como o *Clean Girl* reativam com sutileza a lógica brutal da colonialidade que habita o imaginário popular ocidental. Marcas, adornos, cores e expressões de corporeidade, frequentemente associadas a corpos negros, indígenas ou latinos, são destituídas de valor e taxadas como “exageradas”, “cafonas” ou “desalinhadas” - desalinhadas com a norma branca idealizada.

O apagamento estético proposto pelo *Clean Girl* é também étnico, opera como marcador neocolonizador de pertencimento a um imaginário eurocentrado, atualizando práticas seculares cotidiano: as redes sociais amplificam tal normatividade com jogos simbólicos de exclusão por

meio de algoritmos racializados. O chamado “racismo algorítmico” norteia o consumo de conteúdos digitais através de sistemas de recomendações, filtros, e modelos de reconhecimento de imagem que favorecem traços, tons de pele e composições visuais que se aproximam dos ideais eurocêntricos tradicionais.

Criadoras de conteúdo negras, latinas ou indígenas estatisticamente têm menos visibilidade, suas postagens são menos promovidas ou então enquadradas como inadequadas ao que o algoritmo busca para o engajamento ideal. Por outro lado, influenciadoras brancas que performam a estética *Clean Girl* são privilegiadas e contempladas com impulsionamento, viralizações e, por consequência, contratos publicitários e status simbólico. Os algoritmos, então, filtram o conteúdo, privilegiam o que são programados para enaltecer e filtram o que o usuário comum de redes sociais passa a acreditar ser de fato a realidade. Reforçam-se estruturas coloniais no ambiente digital que orientam o olhar, os discursos e práticas da população e do mercado, numa dança íntima com a xenofobia e o racismo naturalizados. A pesquisadora Letícia Chélius, ao tratar da xenofobia, diz que acima de tudo ela não é a negação de uma raça ou grupo, mas a recusa totalizante do outro:

La xenofobia es la respuesta negativa de algunos miembros de una sociedad [...] antes es la negación del otro, una tentativa de disminución de la personalidad y autoestima al exaltar la alteridad [...] sin elementos mayores que la ignorancia, lo que lo torna aún más peligroso (Chelius, 2021, p. 280-281).

A conduta higienista eurocentrada é parte fundamental das práticas fascistas, que tem na eugenia a forma da busca da sociedade ideal, branca e rigorosamente regulada. O apagamento da diversidade é essencial a essas estruturas de poder, que proscrevem corpos dissidentes e racializados, suprimindo(aniquilando) seus aspectos culturais, históricos e subjetivos. Populações negras, latinas, orientais e indígenas foram e ainda são recorrentemente estigmatizadas por seus modos de narrar seus corpos, e suas representações estéticas, culturais e fenotípicas tratadas como inferiores. No campo cultural nota-se a rejeição ao maximalismo, à cor, às estampas e adornos, e se tratando dos corpos, o caminho é o de não haver volume, seja nos cabelos, na carne, nas curvas, na expressão e nos aspectos identitários, numa clara demarcação xenofóbica, racista e classista.

Como formas de auto expressão e sob a ótica conservadora, corpos modificados (tatuagens, piercings, etc) são vistos como “menos civilizados”, desviantes ou primitivos. O sociólogo Miquel Missé observa que “las intervenciones corporales no son solo materiales, sino también operaciones simbólicas que reconfiguran la manera en que un sujeto se reconoce y es reconocido” e completa “El cuerpo es siempre un proceso de lectura y reescritura” (Missé, 2018, p.59), mostrando que o corpo modificado reivindica a autoria de si, da própria narrativa. Em regimes conservadores de pedagogização e controle dos corpos e condutas, as tatuagens acabam sendo peças de resistência discursiva textualizada na pele daqueles a quem as estruturas de poder desejam controlar - e se não podem ser controlados, que sejam excluídos.

Mulheres adeptas à estética *Clean Girl* compartilham nas redes sociais processos de remoção a laser de tatuagens - procedimento caro, demorado e doloroso - justificando a decisão por não se identificarem mais com os desenhos, por motivos religiosos ou por considerarem as tatuagens incompatíveis com o estilo “clean”. Embora a remoção a laser exista desde os anos 1980, recentemente, celebridades como Angelina Jolie, Megan Fox, Anitta e Virgínia Fonseca popularizaram a tendência, reforçando-a como um novo marcador de adequação visual e social.

De acordo com pesquisa feita pela PrePly, o Brasil se tornou o segundo país com a maior busca pelos procedimentos de remoção de tatuagens no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Em reflexão publicada em artigo no site da revista *Vogue*, a psicanalista Bianca Barki (2025) propõe compreender a remoção de tatuagens não como apagamento, mas como reinscrição: "a tatuagem removida não é um erro corrigido, mas um rastro sofisticado daquilo que se quis ser. Uma lembrança de que o corpo é movimento e de que o desejo muda de forma, mas não de intensidade" (Barki, 2025), evidenciando a permanência simbólica do gesto mesmo quando sua imagem física é retirada. Ao se apresentar como "universal e elegante", a estética *Clean Girl* impõe um regime que exclui tudo aquilo que não se alinha à lógica da branquitude, domável e silenciosa. Entender este processo é reconhecer que a moda é sempre política e que toda escolha estética carrega, em si, parte de um projeto de mundo.

Considerações finais

Se fazer uma tatuagem é textualizar a própria pele com um pedaço da própria identidade, transbordar-se em si e se entregar ao olhar do outro, por outro lado "ao retirar a tatuagem, o sujeito não elimina o passado, apenas o transforma em silêncio" de acordo com Barki, que continua "apagar, afinal, é apenas uma das maneiras de continuar escrevendo" (Barki, 2025).

O movimento *Clean Girl* é, para além de uma tendência de estilo, um reflexo, sintoma e mecanismo da nova onda conservadora que atravessa o imaginário coletivo ocidental contemporâneo e disfarça um avanço político da extrema-direita. Ao reafirmar ideais estéticos de pureza, neutralidade e limpeza, promove-se um projeto de apagamento do corpo enquanto campo de experimentação, autodeterminação e construção de identidade. Como movimento estético, se trata, pois, de um processo comunicacional em fluxo que possui formas de regulação cultural e política dos afetos e vivências, moldando práticas de consumo e modos de existir. Diante da sofisticação das novas formas de controle, emerge a necessidade de desenvolver olhares e leituras críticas que desnaturalizem o fazer estético de movimentos como este, resgatando e repositionando o corpo como espaço de expressão, conflito, potência, vida.

Referências

BARKI, Bianca. **O paradoxo da tatuagem no Brasil:** somos o segundo país que mais busca remoção. *Vogue Brasil*, 2025. Disponível em: <https://vogue.globo.com/wellness/noticia/2025/11/o-paradoxo-da-tatuagem-no-brasil-somos-o segundo-pais-que-mais-busca-remocao.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2025.

BRATICH, Jack Z. **On Microfascism: Gender, War, and Death.** New York: Common Notions, 2022.

CALDERÓN CHELIUS, Letícia. La sutil xenofobia que negamos: el caso de México. In: NEJAMKIS, Lucila; CONTI, Luisa; AKSAKAL, Mustafa (org.). **Re-pensando el vínculo entre migración y crisis:** perspectivas desde América Latina y Europa. Buenos Aires: CALAS; CLACSO, 2021. p. 279–300.

DINO. Procura por remoção de tatuagens cresce no Brasil. **Valor Econômico**, São Paulo, 5 fev. 2025. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2025/05/02/procura-por-remocao-de-tatuagens-cresce-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 4 jul. 2025.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2006.

LIMA, Bruna Dias Fernandes. **Racismo algorítmico:** o enviesamento tecnológico e o impacto aos direitos fundamentais no Brasil. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

MISSÉ, Miquel. **La conquista del cuerpo equivocado.** Barcelona: Egales, 2018.

MOREIRA, José Cristiano Mansur. **O cristofascismo, o integrismo e a guerra cultural:** um estudo sobre a Associação Cultural Monfort. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Testo yonqui: sexo, drogas e biopolítica.** Madrid: Espasa Calpe, 2008.

RIEMEN, Rob. **O eterno retorno do fascismo.** Lisboa: Bizâncio, 2012.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.